

A travessia adolescente e o papel desempenhado pela masculinidade hegemônica: Uma perspectiva psicanalítica

Estella Santa Bárbara Souza¹, Belo Horizonte

Larissa Oliveira Silva², Belo Horizonte

Marcella Jordanna Evangelista Moutim³, Belo Horizonte

Resumo: À luz da psicanálise, este artigo reflete sobre os atravessamentos subjetivos vividos por adolescentes do sexo masculino na construção da masculinidade. A adolescência é compreendida como um processo de transição marcado por perdas estruturantes e pela necessidade de reposicionamento diante da sexualidade e do laço social. Nesse percurso, o sujeito se confronta com o real do sexo e os ideais normativos da masculinidade hegemônica. A pesquisa, de caráter teórico e bibliográfico, articula o referencial psicanalítico à minissérie “Adolescência” (2025) e discute o papel das redes sociais na produção de ideais masculinos, destacando seus efeitos na constituição subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Masculinidade Hegemônica; Psicanálise; Redes Sociais.

Introdução

A travessia da adolescência é um processo complexo, marcado por perdas significativas, como a do corpo infantil, das referências primárias e da ilusão de completude vivida na infância. Essas transformações convocam o sujeito a elaborar novas formas de se localizar no mundo.

Trata-se de um processo atravessado por questões culturais, históricas e políticas, que exige uma reformulação subjetiva diante das normas e expectativas sociais.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Faculdade de Psicologia. Rua Genebra, 990, ap. 302, Belo Horizonte - MG, CEP: 30421-121, Tel.: (31) 98842-0729, E-mail: estellasouza2019@hotmail.com.

² Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Faculdade de Psicologia. Rua Almirante Tamandaré, 488, ap. 302, Belo Horizonte - MG, CEP: 30441086, Tel.: (32) 99937-9445, E-mail: psilarissaoliveirasilva@gmail.com.

³ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Faculdade de Psicologia. Rua Edith Barbosa Rocha, 127, Jardim dos Comerciantes, Belo Horizonte - MG, CEP: 31640-130, Tel.: (31) 97103-4979, E-mail: psi.marcellamoutim@gmail.com.

Considerando a adolescência um período de transformações psíquicas e corporais, em que o sujeito se depara com a necessidade de colocar-se frente a sexualidade, as alterações do corpo e ao laço social, este artigo se propôs a discutir como tais experiências se articulam à construção da masculinidade.

Isso porque, nessa travessia, o sujeito se vê em confronto com questões fundamentais ligadas à identidade e ao pertencimento, associados aos ideais normativos que sustentam a masculinidade hegemônica. Assim, buscou-se localizar o conceito de adolescência, demonstrar a influência da masculinidade hegemônica na vivência de adolescentes homens e, por fim, identificar o papel das redes sociais na construção da masculinidade na adolescência.

A construção hegemônica do masculino representa papeis na cultura que envolvem virilidade, força, racionalidade e supressão da sensibilidade. Tais parâmetros, acabam por silenciar angústias e fragilidades, colocando o sujeito em conflito com o real do sexo vivenciado na adolescência. Assim, a masculinidade, está inserida em um contexto social, histórico e cultural, produzido por discursos que atravessam o sujeito e seu modo de existir no mundo.

Diante disso, este trabalho buscou compreender, a partir da perspectiva psicanalítica, como a masculinidade hegemônica influencia a vivência do adolescente. Considerou-se, ainda, fundamental refletir o papel das redes sociais, como um espaço que se expressa por meio de novas formas de linguagem, discurso e imagens. A escolha da psicanálise como linha teórica para este trabalho se justifica pela singularidade de escuta do sujeito para além dos discursos normativos, acolhendo as contradições e os impasses que marcam a experiência adolescente.

Para isso, a utilização da estratégia de pesquisa bibliográfica foi empregada, a partir da utilização de informação de materiais já publicados. Não se trata, no entanto, de reproduzir o material abordado na literatura acadêmica prévia, mas de oferecer uma nova contribuição teórica e reflexiva sobre a adolescência e sua relação com o modelo hegemônico de masculinidade.

O artigo, por sua vez, foi construído com a implicação da subjetividade das autoras, já que “não há produção do novo sem que seja mobilizada a própria subjetividade, constituída por seus aspectos imaginários e fantasísticos, dos quais se estruturarão sentidos possíveis” (Tavares & Hashimoto, 2013, p. 174). Nesse sentido, pode-se dizer que o presente trabalho buscou apresentar as reflexões de uma pesquisa teórica em psicanálise.

Ainda, para que fosse possível avançar na discussão sobre a masculinidade hegemônica e a adolescência, o artigo propôs realizar uma articulação entre o arcabouço teórico psicanalítico e a minissérie “Adolescência”, (2025), disponível na plataforma de *streaming* da Netflix.

Por meio das lentes da minissérie, tornou-se possível estabelecer uma interessante aproximação da psicanálise sobre ambas as temáticas. Isso porque, de acordo com Derzi (2016, p. 101), “o cinema, arte contemporânea, é uma narração constituída de palavras, mas também de imagens, talvez essa seja a forma mais moderna do mito, forma que Lacan pode apreender para enriquecer a Psicanálise”. A minissérie, por sua vez, aborda um grande número de ricas questões. Entretanto, as breves reflexões psicanalíticas se restringiram aos temas da adolescência e da masculinidade, que cumprem um papel central na trama de “Adolescência” (2025).

Por fim, torna-se necessário pontuar que a elaboração conceitual se realiza somente sob uma clara limitação. Isso porque o saber não consiste em uma apreensão fechada sobre o que se pretende estudar (Lameira et al., 2017). Logo, a proposta do artigo é lançar luz sobre a questão da masculinidade e da adolescência, para que se torne possível ampliar o debate e a compreensão sobre o tema.

O surgimento histórico do conceito de adolescência

Para compreensão das reflexões propostas nesse trabalho, torna-se necessário, primeiramente, definir brevemente o conceito de adolescência. Em seguida, pretende-se abordar a perspectiva da psicanálise sobre esse período, destacando algumas contribuições para compreensão dos processos psíquicos que o atravessam.

O surgimento histórico da adolescência como uma etapa singular da vida é marcado por divergências. De acordo com Bertol e Souza (2010), a adolescência e a infância permaneceram sobrepostas até o século XVIII. Em contrapartida, para Moraes e Weinmann (2020), a adolescência teria se originado ainda no século XVIII e se consolidado ao longo do século XIX.

Já Bock (2007) associa o período entre o final do século XIX e o início do século XX ao surgimento desse fenômeno, pode-se dizer que o surgimento histórico do conceito da adolescência como uma etapa de vida singular é marcado por divergências.

Além das divergências no que diz respeito ao estabelecimento histórico da adolescência, há, também, controvérsias em relação às características atribuídas a esse termo. Por um lado, a adolescência é vista como um período natural do desenvolvimento e, por outro lado, entende-se a adolescência enquanto um fenômeno sociocultural, ou seja, produzida e significada historicamente e socialmente (Moraes & Weinmann, 2020).

A primeira concepção, como salientado, determina a adolescência como um período natural. Considerá-la a partir de uma perspectiva naturalizante implica vê-la como uma etapa inevitável na trajetória de todos os indivíduos da sociedade ocidental. Ainda, sendo vista como um período natural e universal, a que todos estariam destinados, a passagem pela adolescência estaria marcada, necessariamente, por determinadas características biológicas e psicológicas (Bertol & Souza, 2010).

No âmbito das características biológicas, a leitura desenvolvimentista associa a adolescência ao processo de maturação de um corpo em desenvolvimento (Ozella & Aguiar, 2008). Já no campo das características psicológicas, a perspectiva naturalizante aponta para a adolescência como um período de crise, uma fase turbulenta, repleta de conflitos. Todas essas características passam a caracterizar o ser adolescente, que se contrapõe aos valores e as tradições da sociedade.

Haja vista a homogeneização da adolescência, o sujeito, nesse período, é frequentemente visto como um ser incompleto, ainda em processo de desenvolvimento de sua capacidade cognitiva, o que explicaria a sua tendência à transgressão das normas sociais. Portanto, com o objetivo de se alcançar o ideal de completude, ou, em outras palavras, com o objetivo de tornar-se um adulto, o adolescente deve superar esse momento problemático (Bertol & Souza, 2010).

Em contrapartida, a segunda concepção compreende a adolescência enquanto um fenômeno sociocultural. Visto que o conceito da adolescência não esteve sempre presente, entende-se que essa etapa foi construída pelo homem, sendo resultado das relações sociais, do contexto histórico e das condições culturais de uma sociedade (Bock, 2007). De acordo com Ozella e Aguiar (2008, p. 99), “a adolescência é criada historicamente pelo homem, como representação e como fato social e psicológico.

É constituída como significado na cultura e na linguagem que permeia as relações sociais”. Diante da relação dialética estabelecida pelo indivíduo e pela sociedade, Barbosa-Silva et al. (2021) afirmam que a adolescência não é algo dado, mas sim, uma construção social.

Ainda que o conceito de adolescência tenha se desenvolvido historicamente, como apontam os autores mencionados, ele não é uma noção da psicanálise e nem sempre esteve presente nos diálogos psicanalíticos.

Freud não diferencia a adolescência da puberdade, compreendendo-a como um período que engloba tanto questões psíquicas quanto corporais. Entretanto, deve-se ressaltar que a clínica de Freud se desenvolveu a partir da análise com pacientes históricas.

De acordo com Viola e Vorcaro (2015, p. 62), a investigação freudiana “se baseia em diversos casos de adolescentes, em que a neurose foi deflagrada em torno da puberdade”. Ou seja, seria possível afirmar que o surgimento da clínica psicanalítica é marcado pelas travessias que dizem respeito à adolescência.

Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), se refere ao encontro, ou reencontro, com o objeto. Tendo em vista que há, na infância, uma forte idealização dos pais, na adolescência, ocorre um movimento de desidealização dessas figuras de autoridade. Isso significa que, enquanto antes a criança direciona sua afeição para as figuras paternas, na adolescência, deixa-se de ter como alvo essa idealização.

Por isso, esse é o tempo dos desinvestimentos e reinvestimentos, em que o adolescente, se distanciando das primeiras figuras de amor, começa a reconfigurar sua relação com outros objetos, em que será possível reinvestir sua afeição. Posto isso, pode-se dizer que o trabalho psíquico mais importante da adolescência é o distanciamento em relação às figuras paternas (Freud, 1905/1996).

A perda de referências em relação aos objetos primários de identificação ocorre quando o adolescente se depara com um furo no saber desses objetos primários, aos quais o adolescente se remetia na infância. Dessa forma, por efeito da identificação da falta nas figuras paternas aos quais o adolescente estava atrelado, o sujeito é impulsionado a buscar, em um outro lugar, suas referências próprias (Tavares & Alberti, 2016).

Visto que o vínculo com os pais é contestado e o adolescente não mais busca no discurso parental uma orientação, o sujeito se volta para o discurso social para tentar recuperar um lugar perdido. Neste momento, não se sabe mais o que lhe é próprio e o que pertence à sua família e, sendo assim, o adolescente se vê em constante questionamento e experimenta uma sensação de inquietude (Ribeiro & Guerra, 2020).

Posto isso, há, no período da adolescência, uma elaboração das escolhas, incluindo, o trabalho de elaboração da falta no Outro, que na infância está associado aos pais e, em seguida, no Outro localizado no campo social. Desse modo, o adolescente se depara com a incompletude do Outro; é um momento difícil que implica em um trabalho de luto (Coutinho & Madureira, 2021). Desse modo, pode-se dizer que a adolescência marca um momento fundamental na constituição do sujeito que produz efeitos singulares na inscrição do laço social.

Isso envolve um trabalho psíquico do adolescente de reconhecimento do corpo, da ressignificação dos laços familiares, assim como a entrada para o campo social, que implica as possibilidades de ser e estar do sujeito (Santos & Sadala, 2013).

Ficou evidente que a participação das figuras paternas é essencial para o processo de constituição subjetiva do adolescente. No entanto, para que a desidealização dos pais ocorra, é necessário que os pais estejam presentes no cotidiano dos filhos. Quando há ausência, o adolescente se vê sem a possibilidade de escolha.

Em alguns casos, os próprios pais, desistem de ocupar seu lugar e quando optam por se afastar antes mesmo de serem afastados pelos filhos, invertendo a dinâmica relacional, resta ao jovem, que se sente abandonado, empenhar-se na tentativa de reconquistar a atenção desses cuidadores (Alberti, 2004).

De maneira semelhante, Lacan realiza apenas menções pontuais à adolescência em sua obra (Ribeiro & Guerra, 2020). Uma abordagem lacaniana sobre a adolescência é apresentada no texto “Prefácio a *O Despertar da Primavera*”, no qual o autor desenvolve reflexões significativas, como a formalização da tese de que não há relação sexual (Viola & Vercaro, 2015).

Essa tese, fundamental para a compreensão lacaniana do real, expressa a impossibilidade de uma relação sexual plena e simétrica, o que se reflete diretamente no real da puberdade. A busca pela completude é desafiada, e a angústia surge diante da impossibilidade de satisfazer os desejos em sua totalidade.

Vale ressaltar que, para o campo psicanalítico, a renúncia da satisfação plena é parte fundamental da constituição do sujeito. Nesse sentido, pode-se dizer que esse marcador simbólico evidencia a impossibilidade simbólica de abarcar completamente o real, mas também aponta para a possibilidade de relação do sujeito com o desejo, com a cultura e com o Outro.

Posto isso, pretende-se, a seguir, realizar um breve resgate histórico da noção de falta estrutural para que, posteriormente, seja possível associar essa noção ao real da puberdade. Segundo Freud (1929-1930/1996), a passagem pelo complexo de Édipo representa a renúncia dos desejos do indivíduo em prol da sua integração na civilização.

Isso significa que a tarefa de alcançar um alto grau de satisfação não é possível, já que aponta para a incompatibilidade dessa execução com a entrada do sujeito na civilização, ou seja, o sujeito deve se adequar às leis e aos padrões culturais já existentes. Nesse sentido, pode-se dizer que a civilização impõe ao sujeito uma série de restrições, que se opõe à satisfação irrestrita do indivíduo (Freud, 1929-1930/1996).

Lacan, por outro lado, não relaciona o processo de subjetivação à passagem edípica, mas à inscrição do sujeito na linguagem. A linguagem, nesse sentido, é empregada por Lacan para se referir ao papel exercido pela simbolização: a experiência do sujeito na linguagem exige a submissão do real em direção ao simbólico.

Em outras palavras, o sujeito deve responder às exigências do Outro primordial, que opera onde as articulações significantes acontecem e, sendo anterior ao sujeito, sobrepõe-se a ele (Lacan, 1962-1963/2005).

Ainda que Freud e Lacan tenham adotado caminhos diferentes para dizer da constituição psíquica, ambos tratam de uma propriedade essencial na teoria psicanalítica, a renúncia do sujeito à possibilidade de obter uma satisfação total em todo e qualquer aspecto da vida. Assim, a falta estrutural, conceito lacaniano, pode ser caracterizada como a incapacidade do simbólico em abarcar completamente o real. Isso significa que toda tentativa do sujeito em direção à completude, inevitavelmente, vai ser fracassada (Lacan, 1962-1963/2005).

Segundo Couto e Chaves (2009, p. 66), “a angústia de castração é o sinal do trauma sexual, daquilo que desse eu é uma satisfação que é pura perda”. Diante desse contexto, fica evidente que a castração não se dá sem a angústia e paira sobre qualquer ser falante, sujeitos à satisfação barrada (Marcos & Sales, 2017).

É nesse cenário de falta estrutural que se inscreve o real da puberdade. O real da puberdade, segundo Viola e Vorcaro (2013) pode ser caracterizado pelo impossível da relação sexual. Isso significa que o encontro com o sexo não se constitui de forma harmoniosa. Trata-se, na verdade, de um desencontro que, marcado pela falta, denuncia a incompletude.

O que se acreditava na infância sobre a completude da relação sexual é destituído, já que a completude imaginária é da ordem do impossível. Portanto, pode-se dizer que a diferença sexual impossibilita a conjugação simétrica da relação sexual (Jucá & Vorcaro, 2018).

Diante desse cenário, é possível afirmar que, o adolescente, ao fazer o movimento de desidealização das figuras parentais, rompe, também, com um ideal de completude. Nesse sentido, pode-se dizer que o real da puberdade deflagra a ausência de um saber prévio acerca das experiências humanas e, portanto, denuncia, por outro lado, os desencontros presentes nas experiências dos seres falantes.

Conforme Viola e Vorcaro (2015), é preciso dar importância a isso que se presentifica no encontro com o outro sexo, uma vez que o adolescente, diante do real da puberdade que acomete, se vê desamparado. Em princípio, os sujeitos adolescentes não têm clareza sobre como realizar essa interação e, dessa maneira, é possível afirmar que existe uma ausência de saber sobre esse real.

Impulsionado a buscar novas referências além daquelas primárias, o adolescente se insere no discurso social. Por isso, torna-se necessário compreender os efeitos socioculturais que atravessam o processo de subjetivação, sobretudo considerando que o adolescente homem é atravessado pelos efeitos da masculinidade que perpassa dimensões sociais e culturais.

Nesse sentido, adotar o termo “masculinidades”, é fundamental para abarcar essa pluralidade (Gomes, 2008). Entretanto, alguns modelos possuem maior credibilidade social, sendo orientados por valores, comportamentos e atitudes hegemônicos (Connell & Messerschmidt, 2013). Nesse sentido, torna-se importante investigar a afirmação da virilidade e do status envolvidos na relação com os pares.

O semblante universal de masculinidade e a experiência do adolescente nas redes sociais

Ao longo da adolescência, o sujeito é convocado a ultrapassar os referenciais primários, buscando novos modelos e discursos que o auxiliem a se posicionar no laço social. Para o adolescente homem, torna-se inevitável o confronto com os ideais de masculinidade, marcados por construções socioculturais que delimitam as formas possíveis de ser homem.

A configuração daquilo que se denomina discursivamente como masculinidade abriga um semblante, caracterizado por símbolos viris socialmente associados à figura masculina. A virilidade, portanto, seria considerada a forma mais elevada de masculinidade e se associa a um ideal de força física, de coragem, de vigor e de dominação social e sexual (Lima, 2024).

Tratam-se, por sua vez, de semblantes de virilidade que dizem de um conjunto de aspectos supostamente próprios do masculino, que têm como objetivo encobrir a falta e reforçar a crença na existência de uma superioridade atribuída à figura masculina. A masculinidade, nesse sentido, enuncia uma perspectiva universalizante do homem (Mesquita & Corrêa, 2021).

A partir disso, é importante destacar que os homens, inseridos no registro simbólico, são também marcados pela castração. Dito isso, Lacan (1968-1969/2008) afirma que o homem, o “sexo masculino”, é e sempre foi castrado, sem que haja qualquer garantia de apaziguamento para a angústia causada por essa condição.

O tensionamento que surge, então, é o de que os homens são castrados simbolicamente, mas, ao mesmo tempo, são convocados a funcionar discursivamente como se não fossem, por meio da expressão máxima da masculinidade, determinadas socialmente (Lima, 2024).

Nesse cenário, a virilidade se apresenta como um recurso frágil utilizado pelo sujeito para desconhecer a própria falta fálica. Ao mesmo tempo, essa posição em que o sujeito se coloca é geradora de angústia, já que a suposição imaginária de posse do falo é, a todo momento, ameaçada (Lima, 2024).

Considerando esse contexto, é possível compreender que o adolescente, ao se inserir no campo social, passa a buscar novas referências de identificação. Entre elas, destacam-se, para os meninos, os efeitos da masculinidade hegemônica.

Isso significa que há uma inscrição das masculinidades e sexualidades construídas por meio de relações sociais que se constituem através de espaços como, por exemplo, a escola e a internet (Santos & Dinis, 2013).

Nesse sentido, observa-se que, na atualidade, as mídias ocupam um lugar central no processo de construção identitária, uma vez que se tratam de espaços que promovem a socialização e a criação de identidades sociais (Santos & Dinis, 2013).

O fato de os adolescentes passarem uma parte considerável de seu tempo nas redes sociais, assim como na escola, faz com que esses espaços participem ativamente da produção e da propagação de processos de subjetivação dos sujeitos (Santos & Dinis, 2013). Desse modo, a internet oferece possibilidades significativas para os jovens. Lima (2009) considera que, para alguns deles, esse espaço virtual possibilita uma significação sobre a adolescência, podendo inclusive ser o lugar onde constroem sua ficção, seu romance familiar.

Articulado a isso, é preciso lembrar que uma das tarefas mais complexas da adolescência é se desvencilhar da figura de autoridade dos pais (Freud, 1905/1996). Diante disso, Lacadée (2012, p. 262) destaca a importância da fantasia, afirmando que “A atividade fantasmática toma como tarefa livrar-se dos pais, que de agora em diante são desdenhados, seja sob o modo de sonhos diurnos, de leituras, de escrituras de diários íntimos ou de jogos diversos”.

A fantasia, portanto, exerce um papel fundamental nesse período, pois pode dar contorno àquilo que é indizível, ou seja, à falha no saber que o jovem se confronta em relação ao sexo. De acordo com Cosenza (2015), a fantasia possibilita ao sujeito uma nomeação, aproximando-o da inexistência da relação sexual.

Desse modo, compreende-se que, na adolescência, o sujeito precisa reconstruir suas fantasias, já que as infantis falham. No entanto, conforme aponta Viola (2016), o acesso ao conhecimento passa a ser buscado nas redes sociais de modo descontrolado e sem limites.

Assim, a quantidade de informações disponíveis altera a relação do adolescente com o saber, visto que os marcos simbólicos que anteriormente auxiliavam o sujeito a lidar com o não saber sobre o sexo estão cada vez mais transitórios e voláteis.

Considerando que nas redes sociais há uma sobreposição das imagens e dos discursos sobre masculinidade e sexualidade. Há, nesses espaços, uma tentativa de se fazer visível ao Outro, o que pode ser visto a partir da transparência e da visibilidade, não admitindo um espaço secreto ou inacessível.

Desse modo, o mundo privado é convocado a revelar-se (Han, 2013).

A partir disso, as tecnologias colocam seu preço na cultura, o que repercute em novas coordenadas sobre as visibilidades que se constituem no âmbito público e privado. Desse modo, as plataformas digitais, constituem-se como uma rede escópica, associada à paixão pela imagem e por tudo aquilo que se vê, principalmente com os adolescentes (Gomes et al., 2021).

Nesse sentido, redes sociais como o *Instagram* convocam os sujeitos a uma posição subjetiva e particular frente ao Outro. Dessa forma, pode-se notar que existe uma disputa pelas visualizações e *likes*, que regem os laços e se organizam através da imagem, da exibição e do olhar (Gomes et al., 2021).

Nas redes sociais, entretanto, não é propriamente a função do olhar que sustenta o seu funcionamento, ou que atrai os adolescentes. O olhar, ao contrário, introduz um incômodo, um embaraço que perturba a imagem e desestabiliza a função da visão. A visão, nesse cenário, opera como um recurso que afasta o olhar da cena, preservando uma aparência ostentatória e fálica (Gomes et al., 2021).

Portanto, é preciso considerar que a sobreposição das imagens no meio virtual pode fazer com que o sujeito não precise lidar com o não saber sobre a partilha do sexo. Além disso, nesse espaço virtual os adolescentes se veem diante das múltiplas exigências de performance e, em meio à fragilidade dos referenciais simbólicos, o sujeito pode lançar mão de identificações imaginárias, reforçadas pelo semblante de virilidade, como forma de tamponar a falta.

Assim, há uma tentativa de fazer existir a relação sexual, a partir de representações imaginárias na relação dos adolescentes com os meios virtuais, o que fortalece a fantasia da onipotência de um corpo sem furos (Consenza, 2024).

Diante dessas articulações, a adolescência se constitui como um período atravessado por impasses subjetivos que se intensificam na contemporaneidade diante da presença massiva das redes sociais. Os discursos hegemônicos de masculinidade, e lógica da visibilidade e das performances digitais, possuem efeitos subjetivos significativos diante da tentativa de se afirmar perante ao Outro, por meio da imagem, da ostentação de virilidade que são demonstrados como tentativa de tamponar a falta constitutiva.

Entre o semblante e o vazio: masculinidade, adolescência e redes sociais em “Adolescência” (2025)

O objetivo aqui é discutir de que forma a masculinidade é exposta na minissérie britânica "Adolescência" (2025), que se encontra em evidência por trazer diversos provocamentos pertinentes à contemporaneidade.

A narrativa, retratada em quatro episódios, acontece em torno de um homicídio: Jamie Miller, um garoto de 13 anos, é detido e investigado por ser o assassino de Katie Leonard, uma garota que estudava na mesma escola.

É importante pontuar que a história é apresentada de forma ininterrupta, ou seja, não há cortes de cena em um mesmo episódio. Os acontecimentos ocorrem de maneira contínua, sem que haja cortes, exceto os intervalos entre os episódios em si.

Apesar de a narrativa ocorrer em torno de possíveis explicações ou tentativas de entendimento sobre o porquê de ter sido cometido o crime. Não há intenção desse artigo em desvendar tais motivações, mas sim, discutir possíveis momentos em que a masculinidade hegemônica aparece e de forma isso se relaciona com o período da adolescência e as influências das redes sociais neste processo.

É possível que, nesse declínio dos ideais representados pelos pais, a internet apareça como uma alternativa: os adolescentes a utilizam para tentar dar sentido ao real da adolescência e as redes sociais são o meio utilizado para o encontro com o Outro.

Para o público jovem masculino, a manosphere (machosfera) se apresenta como uma dessas opções: “grupos e subgrupos masculinistas guiados por ideais ultraconservadores e discursos que favorecem a manutenção da hegemonia masculina hetero-cis-nomativa atuante na sociedade” (Santos & Rezende, 2025, p. 95).

Em referência a alguns desses grupos que podem ser considerados da machosfera, aparecem na série a menção aos redpills e incels. A referência inicial utilizada para denominar a ideologia redpill surge a partir do filme Matrix e da metáfora de duas pílulas, uma azul e uma vermelha.

Na ideologia, fora do contexto do filme, cada uma tem um significado: homens que escolhem a pílula azul são aqueles que escolhem ignorar a “verdade sobre as mulheres” e os homens que decidem “tomar” a pílula vermelha seriam aqueles elucidados. Para eles, a verdade seria algo relacionado às mulheres serem privilegiadas na sociedade, mas se trata de uma ideologia machista que tem opiniões ofensivas sobre o público feminino (Carvalho, 2023, p. 34).

Seguindo essa lógica, há também a comunidade incel (celibatários involuntários), que também compartilham das ideias misóginas difundidas dentro dessa machosfera. No entanto, é possível observar que na minissérie o termo aparece de maneira pejorativa por aqueles fora da comunidade. Há comentários de Katie nas fotos de Jamie com emojis que, segundo um aluno, significa que ela o estaria chamando de incel, como alguém que seria eternamente virgem.

Carvalho (2023, p. 28) afirma que a internet evidencia esses grupos ao facilitar o compartilhamento de discurso de ódio através das redes sociais e a machosfera possibilita um espaço comum para aqueles que desejam se sentir conectados por esses ideais: ódio e preconceito se tornam uma espécie de “cola forte” para reunir e unificar pessoas de diferentes lugares do mundo que possuem os mesmos ódios e preconceitos.

Além do espaço que esses grupos ganham através da internet, eles parecem ocupar um lugar na vida dos adolescentes masculinos que tentam impedir a evidência da falta no sujeito, como se a castração não existisse. Segundo Ramírez (2017, p. 88), o mundo virtual oferece esse espaço para tamponar a falta pois está em “consonância com as fantasias do sujeito”, em contraste com o mundo real, onde há “frustração, privação e castração”. Assim como discutido no tópico anterior, tal tentativa é falha, já que não há garantia de apaziguamento da angústia de castração, nem mesmo através do semblante da masculinidade.

É possível perceber, em algumas cenas iniciais da minissérie, quando são exibidas fotos do perfil de Jamie em sua rede social, que há uma tentativa de construir um semblante de virilidade, representado, por exemplo, por imagens que evocam a objetificação feminina, um símbolo recorrente dessa masculinidade idealizada. No entanto, essa tentativa revela-se falha, como se nota através dos comentários feitos por Katie.

Ainda que esses comentários não existissem, nenhuma tentativa seria suficiente para alcançar uma masculinidade plena, um semblante perfeito de virilidade: todos estão marcados pela castração, não apenas os homens.

Por fim, fica evidente que a minissérie “Adolescência” (2025) torna visíveis as tensões presentes na tentativa falha de sustentar, por parte dos adolescentes, um semblante viril. Essas tensões, por sua vez, revelam-se na utilização das redes sociais, que, além de serem um espaço em que as expressões de virilidade são potencializadas, tornam-se um terreno de identificação e pertencimento a grupos que perpetuam ideais de uma masculinidade, hegemônica, como os *redpills* e *incels*.

Entretanto, subjacente a esse funcionamento, está o mal-estar produzido pelo real da puberdade e pelos efeitos da castração simbólica. Diante da impossibilidade da relação sexual plena, entende-se que o desejo é marcado pela falta e, ao tentarem adquirir performaticamente um semblante ideal de masculinidade, os adolescentes mascaram o vazio estrutural que marca o sujeito desejante.

A série evidencia, nesse sentido, que a internet pode ser, também, palco de reprodução de um ideal hegemônico de masculinidade, em que os adolescentes homens se valem dos discursos virtuais para sustentar esse semblante.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se compreender os atravessamentos subjetivos que marcam adolescência, especialmente em relação à construção de semblantes que marcam a masculinidade na contemporaneidade. Nesse sentido, partiu-se da compreensão de que a adolescência é um momento de ruptura com os referenciais primários de identificação, sobretudo os parentais, o que implica em um processo de desidealização e de elaboração da falta no Outro.

Nesse contexto, a puberdade é marcada pela impossibilidade da relação sexual plena e simétrica, o adolescente se vê na falência das fantasias infantis e do desamparo frente ao saber sobre o sexo. Esse vazio estrutural, está longe de ser preenchido. No entanto, para os adolescentes homens, há uma tentativa de tamponá-lo através das identificações imaginárias e semblantes de masculinidade, que representam os ideais de virilidade associados à força, ao domínio e à onipotência fálica.

Pode-se considerar que tais ideais são reforçados em espaços como a escola, as mídias, e sobretudo, as redes sociais, em que a presença do olhar escópico e a lógica da performance visual sustentam as exigências sociais de autoafirmação e adequação aos modelos normativos. É nesse cenário que o adolescente homem, diante das representações imaginárias, tenta fazer existir a relação sexual o que fortalece a fantasia de fazer um corpo sem furos.

Na minissérie “Adolescência” (2025), pôde-se observar os efeitos psíquicos diante da tentativa de sustentar uma masculinidade idealizada diante do real da puberdade. Evidencia-se que, ao tentar sustentar-se em semblantes viris, os adolescentes se aproximam de grupos como os *redpills* e *incels*, presentes na nova linguagem utilizada pelos adolescentes, que oferecem um discurso sedutor de pertencimento, mas que reforça uma lógica excludente e conservadora de masculinidade.

Em última instância, conclui-se que a adolescência é um tempo de impasses e reconstruções subjetivas, em que o sujeito é convocado a reinventar-se diante da perda dos ideais da infância e da exigência de se posicionar no campo social. Na contemporaneidade, esse processo é intensificado pelas dinâmicas virtuais, que oferecem armadilhas identificatórias para dar conta do real da puberdade, assim como dos efeitos da castração simbólica. Portanto, torna-se necessário reconhecer os efeitos psíquicos dessas construções sociais e culturais sobre os adolescentes, especialmente no que diz respeito aos efeitos produzidos pela masculinidade hegemônica.

Referências

Alberti, S. (2004). *O Adolescente e o Outro*. Zahar.

Barantini, P. (2025). *Adolescência*. [Filme]. Netflix.

Barbosa-Silva, L., Pereira, A. & Ribeiro, F. (2021). *Reflexões sobre os conceitos de adolescência e juventude: uma revisão integrativa*. *Revista Prática Docente*, 6(1), e026.
<https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/rpd/article/view/389/380>

Bertol, C. & Souza, M. (2010). Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias. *Psicologia: ciência e profissão*, 40(4), 824-839.
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/FN6VZdnYxYbc8F4bnLjFXmn/abstract/?lang=pt#>

Bock, A. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. <https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkJzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/>

Carvalho, M. (2023). *r/TheRedPill – Análise do discurso e ideologia de um dos maiores fóruns misóginos online*. [Dissertação de mestrado]. Universidade NOVA de Lisboa.
<https://run.unl.pt/handle/10362/168202?locale=en>

Connel, R. & Messerschmidt, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
<https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>

Consenza, D. (2015). A iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. *Agente: Revista de Psicanálise*, 9(4), 1-3.
http://www.institutopsicanalisebahia.com.br/agente/download/009/003_agente09_domenico cosenza.pdf

Cosenza, D. (2024). *Clínica do excesso: derivas pulsionais e soluções sintomáticas na psicopatologia contemporânea*. (C. O. Demaria, Trad.). Scriptum.

Coutinho, L. & Madureira, B. (2021). Os cortes na adolescência e a busca por um lugar na cidade. *Educação & Realidade*, 46(1), e109167.
<https://www.scielo.br/j/edreal/a/hnQ6XxnbgfBH5qdbBcd4nnz/>

A travessia adolescente e o papel desempenhado pela masculinidade hegemônica: Uma perspectiva psicanalítica

- Couto, L. & Chaves, W. (2009). O trauma sexual e a angústia de castração: percurso freudiano à luz das contribuições de Lacan. *Psicologia Clínica*, 21(1), 59-72.
<https://www.scielo.br/j/pc/a/k4KbcfpLNGdgwBXmFfDnqxh/abstract/?lang=pt>
- Derzi, C. (2016). A função da escrita de Nagiko no filme "O Livro de Cabeceira". *Cadernos de psicanálise*, 38(35), 99-111, dez. 2016.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141362952016000200006&lng=pt&nrm=iso 12
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização (1929-1930). In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 21) Imago. (Trabalho original publicado em 1929-1930)
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. 7, pp. 117-231) Imago. 1996, p. 117-231. (Trabalho original publicado em 1905)
- Gomes, A., Filho, R. & Teixeira, L. (2021). Nem ver, nem olhar: visualizar! sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 24(1), 91-99.
<https://www.scielo.br/j/agora/a/vGnfQLMdCQck5HscGGb7wLg/abstract/?lang=pt>
- Gomes, R. (2008). *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Fiocruz.
- Han, B. (2013). *La sociedad de la transparencia*. Herder.
- Jucá, V. & Vorcaro, A. (2018). Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. *Psicologia USP*, 29(2), 246-252.
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/cNNscHfNMBywPVZzD6t95rg/abstract/?lang=pt>
- Lacadée, P. (2012). A clínica da língua e do ato nos adolescentes. *Responsabilidades*, 1(2), 253-268.
<https://doceru.com/doc/n88n00sv>
- Lacan, J. (2005). *O seminário livro 10: A angústia*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

Lacan, J. (2008). *O seminário livro 16: De um Outro ao outro*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)

Lameira, V., Costa, M. & Rodrigues, Simone. (2017). Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, 17(1), 68-78.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692017000100007&lng=pt&nrm=iso

Lima, N. (2009). *A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance*. [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-84XNCM>

Lima, V. (2024). *Homens em análise: travessias da virilidade*. Blucher.

Marcos, C. & Sales, E. (2017). Os nomes do pai e a generalização da castração. *Ágora*, 20(2), 575-590. <https://www.scielo.br/j/agora/a/K6zqPWZSrHcG64vp8HRgQB/?format=pdf&lang=pt>

Mesquita, Y. & Corrêa, H. (2021). A “masculinidade tóxica” em questão: uma perspectiva psicanalítica. *Revista Subjetividades*, 21, 1-13.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692021000100006&lng=pt&nrm=iso

Moraes, B. & Weinmann, A. (2020). Notas sobre a história da adolescência. *Estilos da Clínica*, 25(2), 280-296. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000200008

Ozella, S. & Aguiar, W. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
<https://www.scielo.br/j/cp/a/vNqg6DJKX7zBLbvf57dwpJR/?format=pdf&lang=pt>

Ramírez, M. (2017). Adolescentes e redes sociais virtuais. In: Lima, N., Stengel, M., Nobre, M. & Dias, V. (Orgs.). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. (pp. 79-98). Artesã. 2017, p. 79-98.

Ribeiro, C. & Guerra, A. (2020). Adolescência, atos e o risco de suicídio. *Psicologia USP*, 31, e190108. <https://www.scielo.br/j/psup/a/RQ4Qhh4HFznJRYpGZC7VZ9q/?lang=pt#>

A travessia adolescente e o papel desempenhado pela masculinidade hegemônica: Uma perspectiva psicanalítica

- Santos, E. & Sadala, M. (2013). Alteridade e Adolescência: uma contribuição da psicanálise para a educação. *Educação & Realidade*, 38(2), 555-568.
<https://www.scielo.br/j/edreal/a/Tnn5FRkNGj7znJ5tH3bmTWM/>
- Santos, N. & Rezende, D. (2025). Narcisismo e a construção das masculinidades: possíveis correlações refletidas na manosphere. In: Melo, A., Araújo, R. & Moraes, L. *Pesquisas e conhecimento em psicologia: uma interface de temáticas* (pp. 94-114). Opera. 2025, p. 94-114.
- Santos, W. & Dinis, N. (2013). Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção “obrigatória” e desconstrução necessária. *OPSIS*, 13(2), 129-149.
<https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/23273>
- Tavares, A. & Alberti, S. (2016). Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher o recém-chegado. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 14(2), 13-24. <https://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7292/6421>
- Tavares, L. & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202013000200002&lng=pt&nrm=iso
- Viola, D. (2016). *O momento-limite conceitual: um estudo sobre as implicações sociais e subjetivas do saber na passagem adolescente*. [Tese de doutorado]. Universidade Federal de Minas Gerais.
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-A9GLDZ>
- Viola, D. & Vercaro, A. (2013). Latência, adolescência e saber. *Estilos da Clínica*, 18(3), 461-476.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141571282013000300002&lng=pt&nrm=iso
- Viola, D. & Vercaro, A. (2015). O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicologia USP*, 26(1), 62-70. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/8qjQdsBdbWrmF4wTBqTVvvnv/>